



Júlio Plaza, quarta-feira, no IBEU

ARTES NA SEMANA

ANTÔNIO MAIA

Na semana que passou, tivemos quase 20 inaugurações, o que demonstra o interesse do nosso público, acompanhando o movimento artístico. Outro dado é que coincidem cinco e até mais aberturas, à mesma hora, e se não fosse a duração aproximada de duas ou três horas, seria impossível ir a todas. As vezes, é preciso traçar antes o itinerário, calcular quanto se pode demorar em cada galeria levando em conta a distância entre uma e outra, e também não se deixar envolver no disse-me-disse dos artistas presentes, marcando a continuação da conversa no vernissage de fulano ou sicrano, minutos depois. Note-se que é difícil encontrar uma galeria vazia, pois cada uma tem seu público fixo, fora o do artista expositor e mais um outro chamado de circulante.

Gaitis foi quem comandou a semana, expondo na Relêvo uma série de trabalhos feitos desde que chegou ao Brasil, há três meses, contando uma história em cada quadro. São histórias de sua infância no campo transformadas em pintura narrativa de grande valor. Na IX Bienal de São Paulo, estão expostas sete grandes telas suas, representando a Grécia.

Carlos Leão, no Atelier de Arte Botafogo, mostra desenhos com seu traço firme, sem recorrer a efeitos do parece mas não é. O artista foge à regra do arquiteto-deseñista. A maioria é de nus, sua especialidade. A mesma segurança, a mesma limpeza, no trabalho de um homem realizado.

Iuca Teresa, na Goeldi, não é a última palavra na pintura atual, e naturalmente a pintora pode confirmar isto, mas suas experiências em relevos à base de cola vinil e gesso com aplicação de objetos de plástico, alguns de feitos mórbidos, mostram o quanto melhorou seu trabalho de 64 para cá.

A grande expectativa era em relação a Loio Pêrsio, ora na Bonino. Principalmente porque o pintor ganhou o prêmio de Viagem ao Estrangeiro, passou mais de três anos na Europa, voltou, andou meio desaparecido, surgiu no último Salão Nacional, ganhou nova viagem (no País) e desapareceu outra vez.

Loio, desde que voltou do estrangeiro vive isolado em Santa Teresa. Mandou três pequenos quadros para o Salão Nacional e ficou surpreso com a premiação quando lhe dissemos num encontro casual em uma galeria. Este prêmio provocou gritos da crítica. O júri do salão moderno manteve a tradição do acadêmico, onde o prêmio de viagem no País é concedido ao artista que tenha ganho a premiação maior, isto é, o de viagem ao estrangeiro.

Na Bonino, existem quadros do período de 63 a 67, e há quem note uma certa influência de Paul Klee. A sua intenção porém é mostrar seu desenvolvimento gradativo elementar, num simbolismo geométrico. A maneira de trabalhar é simples, sem malabarismos técnicos.

Em Niterói, Israel Pedrosa, que vem fazendo suas pesquisas em torno da cor, chegou à conclusão de que cor não existe, afirmando que tudo é vibração. Para quem está disposto a fazer a travessia para a Cidade vizinha, lá o pintor está mostrando sua "bruxaria", como classificou Jaime Maurício.

Márcia Barroso do Amaral está encerrando sua mostra na galeria do Copacabana Palace. Aos poucos esta pintora vai encontrando uma linguagem própria, e seus últimos quadros usando dobradiças ou sugerindo caixas pela perspectiva despertam uma certa curiosidade. Partindo daí, a jovem artista terá muito o que explorar.

Poucas exposições estão programadas para esta semana, e já podemos adiantar que a grande mostra do ano será a retrospectiva de Lasar Segall, a ser vista no Museu de Arte Moderna, dentro de mais alguns dias. Enquanto aguardamos Segall, vamos às outras exposi-

MÍRIAM INÊS TÊRÇA-FEIRA NA GIRO



Têrça-feira, a Galeria Giro vai apresentar a primeira exposição individual de Miriam Inês, xilografia goiana, hoje radicada em nossa Cidade.

Depois de uma passagem pela pintura, Miriam chegou à xilografia por uma questão de melhor identificação no uso da madeira e da goiva. Aos poucos vem aparecendo nos certames, e no momento está participando da IX Bienal, onde já se fez conhecer desde quando foi aceita, na VII.

Seus estudos começaram em Goiânia. Chegando ao Rio, frequentou o Museu de Arte Moderna, continuando seu aprendizado com Ivã Serpa.

Portadora do certificado de Isenção de Júri do Salão Nacional de Arte Moderna e de outros prêmios ganhos em Goiânia e no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (II Exposição Jovem Gravura Nacional), somente agora sentiu-se preparada para uma individual. Dá um exemplo aos jovens, cuja pressa em promoções os faz surgir em grandes

individuais, debaixo de uma publicidade feita sob encomenda; o fôlego não é suficiente para agüentar na crista das colunas especializadas e eles acabam por desaparecer.

A artista busca no popular o seu tema, trazendo as cenas do interior, imprimindo suas matrizes como todo profissional que respeita seu público — não apenas a limpeza no imprimir, mas também o desenho bem valorizado em composições antes estudadas.

Miriam não se detém nas últimas conseqüências da xilo em grande porte. A tradição artesanal dos mestres, isto sim é o que a preocupa, resultando a valorização de sua experiência plástica.

Nesta sua individual, estamos certos de que, pela simplicidade do seu traço, partindo da gravura popular, Miriam Inês assume um grande compromisso: não deixar apagar o seu caminho traçado.